

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

MAIARA CRISTINA FRANCO

**PROJETO JARDIM LITERÁRIO: AULAS CIRCULARES À LUZ
DA PERMACULTURA**

PATO BRANCO – 2017

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

MAIARA CRISTINA FRANCIO

**PROJETO JARDIM LITERÁRIO: AULAS CIRCULARES À LUZ
DA PERMACULTURA**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Licenciatura em Letras Português/Inglês da
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Pato Branco como requisito parcial
para aprovação na disciplina de Trabalho de
Conclusão de Curso – TCC II.

Linha de Pesquisa: Linguagem, Educação e
Trabalho

Orientadora: Didiê Ana Ceni Denardi

PATO BRANCO – 2017

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa qualitativa-interpretativista (DENZIN; LINCOLN apud CUSTÓDIA, 2006) teve como objetivo principal descrever a implementação de quatro aulas em oficinas de leitura e literatura num espaço alternativo, ou seja, num espaço circular ao ar livre denominado Jardim Literário, localizado em um colégio estadual na cidade de Pato Branco/PR, bem como interpretar as referidas aulas, entrevistas com a bibliotecária do colégio e alunas participantes da pesquisa. Especificamente, perceber qual é o resultado de se estudar leitura de textos literários ou não em um ambiente natural de interação. A base teórica do projeto encontra suporte nos precursores da Permacultura, principalmente Bill Molinson e David Holmgren (2013) que estruturaram esse conceito em princípios éticos e caminhos a seguir. Além disso trouxemos ao debate o embasamento dado por autores que propuseram maneiras alternativas de ver a educação como Paulo Freire (1996) Carlos Rodrigues Brandão (2008) e Dewey (PINAZZA, 2007). Foram participantes do estudo, os alunos de uma turma do curso técnico em magistério integrado com o ensino médio, a bibliotecária do colégio e a professora das oficinas. Sendo assim, o estudo teve as seguintes questões de pesquisa: Qual foi a percepção dos participantes da pesquisa de estudar literatura em um ambiente natural? e De que maneira a linguagem da afetividade contribui para gerar simpatia pela escola naqueles que por ela passam? A geração de dados desta pesquisa se constituiu a partir de áudio e vídeo gravação de quatro aulas e registros em fotos de todos os encontros presenciais com os participantes, bem como de entrevistas semi-estruturadas com alunos e bibliotecária. Posteriormente partes das intervenções do projeto foram divulgadas em redes sociais. Os resultados da pesquisa apontaram para a percepção dos participantes sobre a importância de se estudar em um ambiente diferenciado permitindo-lhes aprender de maneira natural, descontraída, assimilando melhor os conhecimentos. Também apontaram para a valorização dos conhecimentos prévios e a interação com colegas por meio da linguagem afetiva. Por fim, concebemos por meio do Projeto Jardim Literário: leitura e literatura - uma defesa da escola pública, na democratização de seus recursos e na evolução das suas formas de conceber o ensino.

Palavras-chave: Permacultura, Educação, Consciência, Jardim Literário.

ABSTRACT

The present qualitative-interpretativist study (DENZIN; LINCOLN apud CUSTÓDIA, 2006) had as its main objective to describe the implementation of reading and literature classes in an alternative place, that is , a circular out and free air space, named *Jardim Literário*, as well as to interpret the classes ,of the workshop, as well as interviews with students of a second year of *Ensino Médio* and the librarian of the school. Specifically, the project wants to perceive what the result of studying reading and literature is in a natural interactionist environment is. The theoretical basis of the project found support in Permaculture's precursors, mainly in Bill Molinson e David Holmgren (2013) who structured this etic concept and its ways to follow. Besides, we brought to the debate the principles of some theorists who proposes alterantive ways to see education such as Paulo Freire (1996), Carlos Rodrigues Brandão (2008) e Dewey (apud PINAZZA, 2007). Participants of the study were students of a second grade of a Teaching technical course integrated to *Ensino Médio*, the librarian and the teacher of workshops. The study tried to answer the following questions: What was participants' perceptions in studying reading and literature in a natural environment? And, from which ways affective language contributes to construct sympathy for school in which these students passed by? Data collection of this piece of research is constituted by four audio and video recording classes and photographs of all four encounters. Also, semi-structured interviews were done with students and the librarian. After that, part of the interventions were published in social nets. The results pointed to the participants' perceptions about the importance of studying in a different environment, what permits them to learn in a natural and spontaneous perspective and assimilating new knowledge better. Besides, they pointed to the value of previous knowledge and social interaction among students by means of affective language. Last, but not least, we perceived by means of the project Literary Garden: reading and literature"- a form of defending public school in the democratization of its resources and in the evolution of its forms of conceiving learning.

Key-Words: Permaculture, Education, Consciousness, Literary Garden.



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Pato Branco
Departamento Acadêmico de Letras
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): de MAIARA CRISTINA FRANCIO

Título: **Projeto Jardim Literário: aulas circulares à luz da Permacultura**

Trabalho de conclusão de curso defendido e APROVADO em
30 / 11 / 17, pela comissão julgadora:

Prof.^a Dra. Didiê Ana Ceni Denardi – UTFPR Pato Branco
Orientador(a) e Presidente da Banca

Prof.^a Dra. Márcia Andrea dos Santos – UTFPR Pato Branco

Parecerista e Membro da Banca Examinadora

Prof.^a Dra. Marcele Garbin Dagios – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

Prof.^a Dra. Claudia Marchese Winfield
Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês
Câmpus Pato Branco

Prof.^a Ma. Rosângela Aparecida Marquezi
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso
Portaria n.º 295 de 01/09/2015

A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso.

SUMÁRIO

1	CAPÍTULO I. CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	8
2.	CAPÍTULO II EDUCAÇÃO E PERMACULTURA.....	10
2.1	Educação e Escola.....	10
2.2	Permacultura.....	15
2.2.1	O Projeto Jardim Literário.....	18
3	CAPÍTULO III ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	24
3.1	Principais aspectos metodológicos da pesquisa.....	24
4	CAPÍTULO IV ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	28
4.1	As aulas no Jardim Literário e em outros micro-contextos da escola...28	
5	CAPÍTULO V ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	45
5.1	Trajetória da pesquisa.....	45
5.2	Respondendo às perguntas da pesquisa.....	46
5.3	Implicações pedagógicas.....	47
5.4	Implicações sociais para a pesquisa.....	48
6	REFERÊNCIAS	51
8	ANEXOS.....	53

LISTA DE TABELAS E IMAGENS

Tabelas

Tabela 1: Roteiro das aulas iniciais.....	29
---	----

Imagens

Imagem 1: A flor da Permacultura.....	17
Imagem 2: Primeira intervenção do Jardim Literário.....	20
Imagem 03. Espaço finalizado, pronto para as intervenções.....	22
Imagem 04: Plantação de mudas de hortaliças.....	22
Imagem 05: Primeira intervenção com a turma A.....	30
Imagem 06: Entrevista com a bibliotecária, Turma A.....	34
Imagem 07: Pesquisa em livros com a turma B.....	36
Imagem 08: Segunda intervenção ao ar livre com a turma B.....	38
Imagem 09: Última intervenção, criação de poesias.....	40

DEDICATÓRIA

À minha família pelo suporte e confiança.

À minha irmã, que abriu as portas da minha percepção para outras visões.

Este trabalho significa um obstáculo vencido, um grande passo na minha história.

CAPÍTULO I

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A história nos mostra que a educação brasileira moldou-se e fixou-se em um padrão de ensino do século XIX, e infelizmente não sofreu muitas alterações depois disso. Percebe-se que essa educação, com o decorrer dos séculos, não priorizou um momento para pensar-se novamente em um molde de educação, que se adequasse a época vivida. Assim, o que sentimos é um relativo atraso nos padrões educacionais, não acompanhando os desejos e anseios da nova geração de alunos. Além disso, com a difusão de uma educação para todos - não somente para a classe detentora de poder aquisitivo - fez com que surgisse mais demanda de alunos nas escolas, aumentando conseqüentemente o número de indivíduos dentro de uma sala de aula.

Algumas dessas mudanças naturais implicam em uma urgente reforma no modelo de ensino Brasileiro. É claro que uma ruptura, é vista em primeira instância como uma tentativa sem muita percussão diante do Estado. Segundo Paulo Freire (1996), a “ruptura não é um mero exercício de desocultação, mas sim um compromisso com a reconstrução e com a esperança”. A partir da desconstrução pretendemos facilitar a reconstrução de uma pedagogia da participação. Em contraste com a pedagogia da transmissão - em que o conhecimento dirige-se a uma única direção, tornando neutras as dimensões que contextualizam a condição que o aluno está-, a pedagogia da participação reside na integração das crenças e dos saberes, da teoria e da prática, da ação e dos valores. Desta forma, esta pedagogia vê o aluno como construtor do conhecimento, como sujeito pensante e competente para (re)definir a apropriação da cultura, a partir de seus contextos de vida, e de sua interação pedagógica.

Diferentemente no que se observa no sistema educacional com relação às práticas pedagógicas, pesquisa qualitativa a ser aqui apresentada embasa-se na perspectiva da Permacultura. Por Permacultura entende-se uma nova visão para auxiliar o homem em relação às ações que têm impacto global. Essas ações estão ligadas à terra e suas relações com o homem, conseqüentemente à tomada de consciência das suas próprias atitudes.

1.1 Trajetória da pesquisa

O Projeto Jardim Literário, teve seu início no primeiro semestre de 2016, através das idealizadoras do mesmo, que já estavam há algum tempo estudando os princípios da permacultura. Esse contato com a Terra, sempre trouxe percepções e sentimentos diferentes sobre a vida. A vontade de transmitir, de alguma forma, essa conexão com a Terra (para outros indivíduos), sempre foi um desejo intrínseco para nós. O conceito da permacultura, por ser inovador e meritório, fez com que alinhássemos a visão dos ideais da permacultura com a educação.

O primeiro passo concretizado, foi um projeto de extensão na ONG Remanso da Pedreira, intitulado “A Linguagem da Permacultura”. Logo após, foi levado o conceito de Permacultura para a instituição escolar em que havíamos estudado boa parte do percurso escolar. O nosso interesse e disponibilidade para desenvolver um novo projeto na escola, fez com que a administração do colégio mostrasse interesse para desenvolver um projeto - já engavetado - de uma sala de aula ecológica.

A aspiração inicial, permeava o anseio de se trazer atividades variadas, de livre iniciativa, criatividade, linguagem e comunicação. O foco nas aulas inaugurais, foi o desenvolvimento humano justo e responsável dos participantes, bem como o seu encorajamento na tomada de decisões.

Na segunda etapa do projeto, mudamos o foco da terra para as pessoas. Queríamos levar os alunos perceber a sua importância e sentirem sua relevância para sua evolução escolar e pessoal, através de um ambiente estimulante. O espaço é em forma circular, para o convívio e estudo dos alunos, onde os conteúdos vistos em sala de aula possam ser trabalhados de maneira transversal.

O presente trabalho de pesquisa qualitativa-interpretativista (DENZIN; LINCOLN apud CUSTÓDIA, 2006) tem como objetivo principal descrever a implementação de aulas de leitura e literatura num espaço alternativo, ou seja, um espaço circular ao ar livre denominado Jardim Literário, bem como interpretar as referidas aulas, entrevistas com a bibliotecária do Colégio e alunas participantes da pesquisa. Especificamente, perceber qual é o resultado de se estudar leitura de textos literários ou não em um ambiente natural e investigar de que maneira o ambiente do Jardim Literário influencia no processo de aprendizagem dos alunos participantes da pesquisa.

A base teórica do projeto encontra suporte nos precursores da Permacultura, principalmente Bill Molinson e David Holmgren (2013) que estruturaram esse conceito em princípios éticos e caminhos a seguir. Além disso trouxemos ao debate o embasamento dado por autores que propuseram maneiras alternativas de ver a educação como Paulo Freire (1996) Carlos Rodrigues Brandão (2008) e Dewey (PINAZZA, 2007)

O trabalho está organizado em 5 capítulos. O capítulo I refere-se a esta introdução. O capítulo II apresenta os pressupostos teóricos e autores nos quais está ancorado o trabalho. O capítulo III descreve os aspectos metodológicos da pesquisa. O capítulo IV apresenta a discussão dos dados e seus resultados e o capítulo V retoma brevemente a trajetória da pesquisa e tece considerações relacionadas às limitações e implicações pedagógicas da pesquisa.

CAPÍTULO II

EDUCAÇÃO E PERMACULTURA

O objetivo principal deste capítulo é apresentar uma revisão de literatura em torno dos conceitos e estudos norteadores da pesquisa. Desta forma, o capítulo se divide em duas macro seções. Na seção 1, discutiremos o conceitos de educação e escola com base em Dewey (1959), Brandão (2008), Formozinho (2007) e Paulo Freire (1996). Já na seção 2, apresentaremos e discutiremos o conceito de Permacultura com Holmgreen (2013) e sua relação com educação ambiental com base nos estudos de Althusser (1980), Marcos Bagno (2007), Italo Calvino (1993) e Dolz e Schneuwly (2004).

2.1 Educação e Escola

O sistema educacional vive na sombra dos moldes do século XIX. Nossa cultura, na sua esquizofrênica valorização pela razão, não vem permitindo a livre criação de re-molduraçã do modo de ensinar. Na escola tradicional podemos observar um método unidirecional, atos discursivos que seguem uma única direção: professor- aluno. Permeada por exigências, ordens e correções, a linguagem que o professor utiliza fala muito da sua concepção de educação. Não sobra lugar para a afetividade, para aquela palavra de conforto e empatia, que faz o aluno criar uma relação amigávele mais humana com o professor.

Na educação tradicional, dentro do sistema capitalista, o aluno é visto de maneira fracionada. Sua personalidade, suas vontades, seus gostos particulares, etc., não são levados em consideração na elaboração dos planos de aula ou nas diretrizes curriculares nacionais. A sala de aula torna-se um espaço no qual os pais podem deixar os filhos e assim, vender sua mão de obra na grande máquina ideológica burguesa. Quem são esses alunos, o que querem e o que projetam no seu futuro? São questões primordiais, que qualquer professor precisa buscar responder para que sua prática tenha algum resultado eficaz.

Para o sistema capitalista, a palavra-chave é produzir em larga escala e de maneira padrão. Entretanto, para Brandão (2008)

Cresce o número de pessoas em todo o mundo que reconhecem toda a incoerência e a perversa inconsciência do modo capitalista de produção tal como vivemos em nossos dias. [...] Pessoas que tomam consciência de que o caminho do atual sistema conduzirá sem dúvida não à realização de antigas promessas de “progresso e desenvolvimento” para todos, em toda a Terra. Ele nos conduzirá, bem ao contrário, ao exaurimento das condições naturais (p. 143).

Em contraste com essa realidade, nota-se que o ser humano não produz seu trabalho em larga escala. Por exemplo, um artesão ao dedicar seu tempo e habilidades em seu produto, não produzirá uma quantidade exorbitante do produto, e muito menos seu trabalho será igual, ele se modificará a cada vez que produzir um novo. Jung (1875-1961) escreve a célebre frase "Nascemos originais e morreremos cópia", já antecedendo a pergunta que aqui se faz: que tipo de seres humanos queremos ter: padrões - que apenas reproduzem um sistema imposto - ou sensíveis - que entendem de maneira sensitiva a vida e todos os discursos que o permeia? Com efeito, ressalta-se que o ser humano nunca está pronto, e os padrões vão se modificar em sua prática.

Ademais, se entendemos a vida de cada indivíduo como única, sendo capaz de ampliar a visão e os entendimentos por meio das práticas educacionais, logo se compreende que elas não são padrões, são sensíveis. Desta forma, falar de educação se torna assunto primordial, já que acredita-se que é por e somente através dela que teremos algum êxito na nossa evolução.

Para Dewey (1959) a "educação é um processo de vida, e não uma preparação para a vida futura". O que se nota é uma nova proposta sobre o conceito de educação. Se eu compreendo que, no embate de diálogos ou na interação de indivíduos, me educo enquanto ser humano, logo, existe uma educação que permeia um entendimento sobre o contexto, sobre a vida que torna consciente a relevância de uma inserção constante da linguagem afetiva no processo pedagógico. Na opinião de Dewey,

As experiências efetivam-se pelas relações que as pessoas estabelecem com os objetos e seus atributos em um processo de discriminações e identificações por meio da experimentação. A linguagem se torna ferramenta essencial, do próprio meio do relacionar-se do homem, e aflora o seu desenvolvimento cognitivo. (DEWEY apud PINAZZA 1959b p. 72)

Por sua vez, Paulo Freire (1996) fala da autonomia e da liberdade. Dar autonomia significa gerar múltiplas possibilidades de escolha e revelar sua vontade por uma educação diferenciada.

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade. (FREIRE 1996, p.24).

Também Brandão (2008) corrobora a visão humanista dos pensadores Dewey e Freire.

Não nos educamos para algo fora de nós, além de nós. Principalmente para algo situado dentro dos limites e da lógica utilitária do mercado de bens e capitais. Nós nos educamos para “fazer”, para “produzir”. Mas nós nos educamos, antes de mais nada, para “conviver” e para “ser”. Não para o desenvolvimento econômico, mas para o desenvolvimento humano, ao qual devem servir todos os outros. (BRANDÃO, 2008, p. 117).

Portanto, acatamos os princípios filosóficos dos autores aqui referenciados e consideramos que a educação tem como propósito principal dar ferramentas aos alunos para buscarem sua emancipação e transcendência. Este transcender significa uma auto-análise, passa por uma identificação dos nossos padrões (símbolos conscientemente escolhidos e arquétipos contidos no inconsciente) e uma "superação" através do sentir, agir e pensar. Rudolf Steiner, filósofo austríaco e fundador da Antroposofia, nomeia essa tríade como essencial numa educação para a liberdade. Qual seria a função da educação senão a libertação das consciências de um sistema que aprisiona e aliena? Entretanto essa concepção básica encontra dificuldade de se disseminar ou de se tornar realidade para muitos professores. Isto se dá pelo fato de vivermos num sistema que não busca a emancipação, já que a Escola, enquanto instituição social, é um aparelho ideológico ¹ do Estado. (ALTHUSSER, 1980).

É possível entender mais sobre esse pensamento, quando nos deparamos com escolas alternativas que visam essa autonomia tanto do professor como, principalmente, dos alunos. A escola da Ponte na periferia de Portugal é um

¹ Todos os Aparelhos Ideológicos de Estado competem pelo mesmo objetivo: a reprodução das relações de produção, ou seja, na reprodução das relações de exploração capitalistas. O debate em torno do conceito de ideologia relacionado à educação reflete na discussão sobre os modos de (re) produção nas configurações da divisão do trabalho na sociedade capitalista. (SILVEIRA s/ ano).

exemplo, que visa aplicar teorias da pedagogia alternativa. Rubem Alves (2008) ao relatar sua experiência na escola da Ponte evidencia que a Escola da Ponte se constitui em

um único espaço, partilhado por todos, sem separação por turmas, sem campanhas anunciando o fim de uma disciplina e o início da outra. A lição social: todos partilhamos de um mesmo mundo. Pequenos e grandes são companheiros numa mesma aventura. Todos se ajudam. Não há competição. Há cooperação. Ao ritmo da vida: os saberes da vida não seguem programas. É preciso ouvir os "miúdos", para saber o que eles sentem e pensam. É preciso ouvir os "graúdos", para saber o que eles sentem e pensam. São as crianças que estabelecem as regras de convivência: a necessidade do silêncio, do trabalho não perturbado, de se ouvir música enquanto trabalham. São as crianças que estabelecem os mecanismos para lidar com aqueles que se recusam a obedecer às regras. Pois o espaço da escola tem de ser como o espaço do jogo: o jogo, para ser divertido e fazer sentido, tem de ter regras. Já imaginaram um jogo de vôlei em que cada jogador pode fazer o que quiser? A vida social depende de que cada um abra mão da sua vontade, naquilo em que ela se choca com a vontade coletiva. E assim vão as crianças aprendendo as regras da convivência democrática, sem que elas constem de um programa.."(ALVES, 2008. p 15).

E, ao dar detalhes sobre a educação que a escola da Ponte proporciona, Rubem Alves ressalta:

Quando as crianças pesquisam, investigam e aprendem em grupo e as "mais dotadas" se responsabilizam pelo acompanhamento e o apoio à aprendizagem das "menos dotadas"...Quando as crianças, desde a iniciação, habitam-se a pedir a palavra para falar e habitam-se a ouvir os outros em silêncio e com a devida atenção...[...] Quando tudo isso e tudo mais (que só visto) acontece num ambiente amigável e solidário de aprendizagem – a educação na cidadania é o próprio respirar e sentir da comunidade, não é uma enxertia de conceitos pretensamente civilizados numa cabeça cujo corpo está em permanente e agressiva disputa e concorrência com os outros.(ALVES,2008. p 15, 16)

Para Formozinho (2007, p. 23), "é um contexto social constituído por atores que partilham metas e memórias, por indivíduos em interdependência com o contexto que constroem intencionalidade educativa".Nesse sentido, podemos perceber que além de fatores que envolvem a educação, existem temas que permeiam arquétipos enraizados em nossa sociedade. Infelizmente ao pensar em um sistema educacional, em que a prática do docente é apenas uma ilusão pictórica, como um mero reprodutor de informações que partilha experiências com indivíduos, tende-se cada vez mais desacreditar nos modelos vigentes de uma educação que não conecta seus alunos com o facilitador.

Dewey ao falar sobre a concepção de situação de um indivíduo, destaca que

A escola e os educadores devem saber como extrair dos ambientes físicos e sociais tudo o que pode contribuir para fortalecer experiências valiosas. Cabe à educação reconhecer no ambiente que experiências podem ser favoráveis e como eventualmente nelas se operam as forças internas e externas (Dewey, 1959. p. 77).

Baseando-se no sentimento de paz interior, com a conexão com ambientes ligados à natureza, entende-se que com esse contato os aprendizados se intensificam, se ramificam e ganham maior forma. Para Brandão

Quando o ser humano se alia à natureza e busca comunicar-se com ela, de modo a interagir com o mundo em que vive sem o desejo de apropriar-se, de dominar ou de destruir, ele cria as condições de uma relação harmoniosa entre a *sociedade* e a *natureza*, entre a *cultura* e o *ambiente* (BRANDÃO, 2008, p.81).

Também é importante ressaltar que a escola é um lugar de formação do sujeito e onde as práticas educacionais tem espaço. Todos os saberes científicos e filosóficos se encontram nessa instituição. “A escola é a mais importante e mais indispensável comunidade de práticas da educação e de suas inúmeras experiências do aprender-ensinar-aprender” BRANDÃO (2008, p.117). Dentro dessa concepção da escola, não se refere apenas ao espaço físico “sala de aula”, dentro de quatro paredes com mesas, cadeiras e um quadro. Os grandes mestres da Grécia antiga, como Sócrates ou Platão, proferiam suas aulas em lugares abertos ou em praças públicas.

Se estamos falando de uma educação em que aprendemos a “conviver” e a “ser” ao invés de “fazer” ou “produzir”, podemos afirmar que numa rua, no trabalho, numa praça ou em qualquer espaço de convívio social que tenhamos com outras pessoas, “nós trocamos saberes, dialogamos com as experiências, debatemos valores, e, assim, buscamos juntos respostas para nossas perguntas”. (BRANDÃO 2008, p. 118).

Ademais, as inconstantes mudanças que o mundo passa nos faz refletir sobre sempre atuar de forma concreta diante a formação de novos indivíduos. Viabilizar uma compreensão da relação do homem com o meio natural caracteriza uma maior consciência de si, para que assim possa existir a designação do homem como agente transformador da própria história. Disso se faz a importância de refletir sobre

as verdadeiras necessidades que o atual momento exige, buscando uma interação cada vez melhor dos humanos com a Terra.

Essa pesquisa, é um conjunto de ideais e concepções que juntas resultaram em um entendimento maior. Para além da concepção de educação, o sentimento necessário para se entender a pesquisa passa pelo entendimento e a inserção aos alunos para uma educação ambiental e uma nova visão sobre a sustentabilidade e de como somos parte de um todo. Estamos descobrindo que tudo o que nos rege e está ao nosso redor, é parte de um mesmo todo. Conforme Brandão (2008)

Quase tudo o que nós vivemos em nossas relações com outras pessoas ou mesmo com o nosso Mundo, como no contato com a Natureza, pode ser também um fecundo momento de aprendizado. [...] Cada troca de palavra, de gestos e de serviços com uma outra pessoa, costuma ser também um momento de ensino-aprendizagem. BRANDÃO 2008 p. 118.

Nesse sentido, essa pesquisa busca dialogar com os conhecimentos que os alunos possuem juntamente com uma consciência de si e do contexto que estão inseridos, e dessa forma estaremos nos referindo à Permacultura, conceito que discutiremos a seguir.

2.3 Permacultura

A Permacultura pode ser entendida como um sistema de design, que usa como primeiro princípio a observação prévia e atenciosa do meio em que se irá atuar (HOLMGREEN, 2013). Assim, é primordial ter em mente qual a intenção das ações que executamos em qualquer trabalho que nos propomos realizar.

Com o auxílio da linguagem da permacultura, buscar-se uma compreensão mais ampla da relação humana com o meio natural e a caracterização do homem como agente transformador da própria história. Esse conceito, criado na Austrália em meados dos anos 70, por Bill Mollinson e David Holmgreen, é um conjunto de técnicas inovadoras e ancestrais, cujo objetivo é reformular e ressignificar a atuação do homem sobre o meio em que vive.

Na ética da permacultura encontramos a tríade “Cuidar da Terra; Cuidar das Pessoas; Partilha justa dos excedentes” (HOLMGREEN, 2013). O “cuidar da Terra” tem relevância ao voltar o olhar do homem para um desenvolvimento sustentável da nossa espécie, bem como preparar um terreno saudável e justo para as próximas gerações. Desse olhar nasce também o “cuidar das pessoas”, pois

entende o homem como um ser responsável pelo ambiente que vive. Já a partilha justa dos excedentes pode ser entendida como um processo natural do trabalho do homem. Ao interagir com a Terra, o homem explora recurso e os transforma. O excedente desse processo, em um sistema baseado na permacultura, precisa ser usado de maneira coletiva.

Os princípios da permacultura oferecem uma nova visão sobre a maneira de educar. Aplicados aos planos de ensino, podem auxiliar o professor no entendimento da sua função. Para os alunos, significa uma tomada de consciência do seu papel na escola e na sociedade, construindo a si mesmo como sujeito histórico-dialético. Uma educação que vê a formação do sujeito histórico-dialético busca novas formas de ser, fazer e estar no mundo, sempre em permanente reflexão e relação com ele. Reflete que o indivíduo não fragmente a própria vida, mas que busque estar em um processo de participação ativa na sociedade.

Na Europa, a Permacultura já é uma prática bastante difundida e aceita em muitas comunidades. A condição de centro financeiro e administrativo na Europa, concentra muito conhecimento e tecnologia, assim a permacultura vem ganhando mais espaço nesse contexto. No Brasil, o movimento vem se destacando pela prática da Agroecologia e muitas são as iniciativas baseadas na ideia de sustentabilidade. Vale fazer uma ressalva sobre o termo “sustentabilidade”, empregado de maneira muito limitada. Para muitos, ele faz menção apenas à necessidade de se usar recursos sem comprometer as gerações futuras. Leonardo Boff, em seu texto “Sustentabilidade, tentativa de definição” esclarece que:

Sustentabilidade é toda ação destinada a manter as condições energéticas, informacionais, físico-químicas que sustentam todos os seres, especialmente a Terra viva, a comunidade de vida e a vida humana, visando à sua continuidade e ainda a atender as necessidades da geração presente e das futuras de tal forma que o capital natural seja mantido e enriquecido em sua capacidade de regeneração, reprodução e coevolução (BOFF, 1999, p. 01)

A permacultura pode ser visualizada por meio da aplicação prática de seus princípios. É preciso que ela seja entendida como uma linguagem que visa auxiliar o homem em relação às ações que tem impacto global.

Dessa forma, a permacultura não diz respeito apenas a questões do cultivo, do trabalho na terra. Ela pode estar presente em qualquer intervenção consciente do homem no ambiente que vive.

Isso se dá, pois este conceito está baseado, na leitura dos padrões relativamente estáveis e/ou universais que a natureza segue. Por exemplo, a ideia de utilizar formas circulares ou dar valor aos ciclos, são pontos que estão para além da natureza humana, elas se encontram na natureza como um todo.

Assim, para melhor desenvolver o conceito, Holmegren (2013) o estruturou em uma flor, cujas pétalas simbolizam os principais campos de atuação: Manejo da terra e da natureza, Ferramentas e Tecnologias, Espaço Construído, Cultura e Educação, Saúde e Bem-Estar Espiritual, Economia e Finanças e Posse da Terra e Comunidade. Cada um deles oferece ainda uma gama de possibilidades dentro destes campos. Consideramos que nossa atuação nesta pesquisa está bastante inserida (e não completamente, pois as áreas dialogam entre si) no campo da Cultura e Educação. Observamos a seguir a imagem da “flor da Permacultura” ,para que possamos visualizar de maneira mais ampla os parâmetros de base que a Permacultura possui.

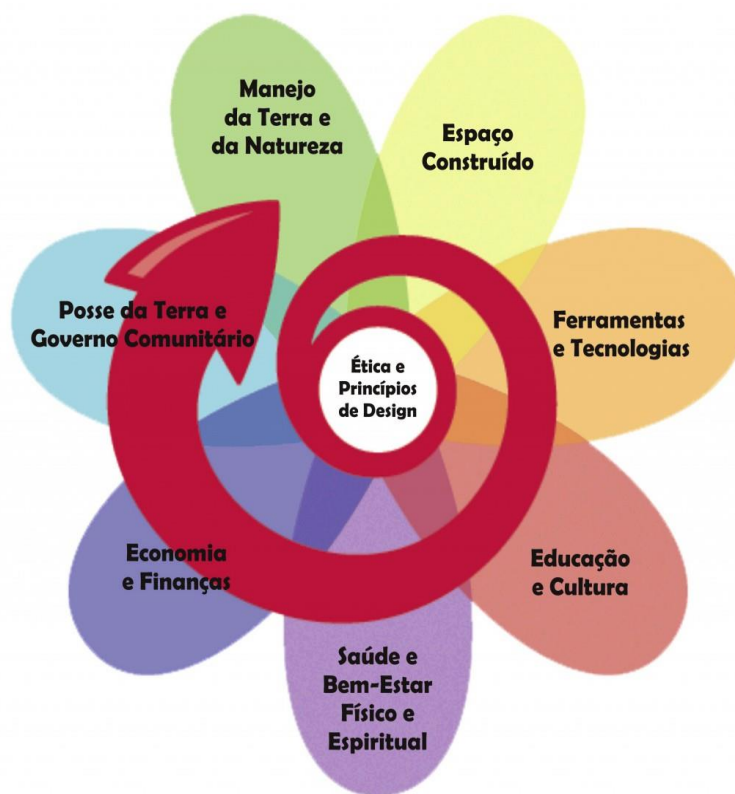


Imagem 01. Flor da Permacultura. Fonte: RuichardTelford (s/ano)

A área da Educação e Cultura tem como práticas já consolidadas: Educação em Casa (pais como professores naturais das crianças dentro da economia da casa); Educação Waldorf (escolas baseadas nos métodos educacionais de Rudolf Steiner); Arte e Música participativa (requerer nosso lugar como atores e músicos em vez de espectadores); Ecologia social (filosofia focada no replanejamento da sociedade usando princípios da ecologia); Pesquisa Ação (um processo reflexivo de resolução progressiva de problemas que aceita o observador como parte do sistema que está sendo estudado) e uma Cultura de Transição (exploração evolutiva da cabeça, coração e mão) (TELFORD, s/ano, p.3).

Nossa intervenção com os alunos participantes da pesquisa esteve baseada na abordagem da pedagogia Waldorf, do filósofo austríaco Rudolf Steiner; focamos na Arte participativa através da produção de textos poéticos baseados na criatividade e na livre criação; buscamos promover a Ecologia social repensando a escola dentro do ecossistema da organização social do homem, e respectivamente, a função do aluno nessa instituição e da instituição na vida do aluno.

Exploramos também a Pesquisa- ação de várias maneiras, permitindo aos participantes do projeto a conscientização de sua relevância no processo reflexivo científico, principalmente por meio do recurso audiovisual. E de maneira global, alcançamos o objetivo da pesquisa por meio da promoção de uma Cultura de transição, ao lançar um olhar pioneiro sobre a instituição escolar e as novas maneiras de conceber a aquisição do conhecimento.

2.3.1 O Projeto Jardim Literário

Com base na Permacultura, no primeiro semestre de 2016 nasce o Projeto Jardim Literário em um colégio de Ensino Fundamental II e Médio de uma cidade no sudoeste do Paraná. A ideia foi a implementação de uma sala de aula interativa, que favorecesse o contato dos alunos com o meio ambiente. As idealizadoras do projeto - duas irmãs e alunas- professoras do Curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná Câmpus Pato Branco - estavam alcançando bons resultados ao aplicar o conceito de permacultura na propriedade em que moram, queriam expandi-la para o contexto

escolar no qual passaram boa parte da trajetória escolar, ou seja os anos de estudo referentes aos Ensinos Fundamental II e Médio.

Primeiramente as idealizadoras do projeto fizeram conexão com pessoas e grupos que já trabalhavam dentro dos princípios da Permacultura na região. Em seguida, cadastraram um projeto de extensão na instituição superior de ensino acima mencionada referente a um trabalho na ONG Remanso da Pedreira, intitulado “A Linguagem da Permacultura”. O próximo passo foi levar o conceito de Permacultura para a instituição escolar em que haviam estudado boa parte do percurso escolar. Inicialmente propuseram uma revitalização da horta escolar, que supria em pequena percentagem às necessidades da cozinha.

Este interesse e disponibilidade apresentados pelas professoras, aqui chamadas de facilitadoras, fez com que um projeto da administração do colégio, de construir uma sala de aula ecológica fosse retomado. O projeto da sala ecológica havia sido apenas idealizado em conversas informais e em poucas reuniões. Não saíra do papel e, por falta de recurso, fora engavetado. Ao saber disso, as facilitadoras do Projeto Jardim Literário “abraçaram a causa” instantaneamente e começaram a delineá-lo nos moldes em que hoje este se apresenta.

Explanaremos aqui um pouco da trajetória inicial da organização do Projeto. Em conversa com a professora de Ciências e a coordenadora pedagógica as turmas de alunos foram selecionadas para auxiliarem no processo de construção do jardim literário. As facilitadoras também queriam aliar a construção do jardim aos seus projetos acadêmicos. No ano de 2016, uma delas, a de nome fictício Gaia, estudou a aplicação do conceito de Permacultura relativo à construção de um ambiente de estudo alternativo, recolhendo, assim, um corpus de pesquisa para elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso. O ano letivo de 2016 passou e as facilitadoras executaram o trabalho proposto dentro das condições e expectativas delineadas em um primeiro momento.

O projeto “Jardim Literário” foi construído pela primeira vez na escola, com alunos dos 7º anos, em período contrário ao da frequência escolar. Os alunos, (pré) adolescentes, tinham a faixa etária de 11 e 12 anos, em sua maioria meninas. Alguns moravam nas proximidades do colégio e outros em bairros mais afastados. Essa condição não fazia com que os que morassem mais afastados deixassem de

frequentar o projeto, sendo que foram os que mantinham mais assiduidade na participação.

Primeiramente foi apresentado, em forma de palestra, o conceito de permacultura aos alunos participantes do projeto. Nesta apresentação foram abordados os princípios, princípios de *design*, missão e relevância do momento histórico que estavam vivenciando.

Na segunda intervenção o perfil do grupo participante já começava a se delinear melhor, e então houve o momento de (re) conhecer a área de construção. As ideias desenvolvidas na palestra puderam ser transpostas para auxiliarem na formulação de perguntas e respostas sobre as necessidades e demandas exigidas no cumprimento do projeto. A proposta foi a formação de grupos para a formulação de diferentes modelos de *design* para o local, para que os alunos pudessem colocar em prática os princípios da permacultura. Aqui contamos com o auxílio de um estudante de engenharia civil de uma universidade local na medição do terreno e colocação de outras propostas.

Na terceira intervenção os grupos apresentaram, a partir do desenho técnico feito pelo estudante de engenharia, os últimos ajustes e tomamos em conjunto a decisão final sobre o design do Jardim Literário. A partir disso, decorreram as atividades práticas de construção e execução do projeto.

Através de atividades variadas, o foco foi o desenvolvimento humano justo e responsável, a partir de técnicas pedagógicas que valorizam a livre iniciativa, criatividade, linguagem e comunicação. Visando a autonomia dos participantes, bem como o seu encorajamento na tomada de decisões, foram privilegiadas na execução do projeto as relações de grupo, criando um ambiente lúdico e cooperativo. Nesses primeiros encontros, o foco foi dado na construção dos canteiros e aos trabalhos práticos com a terra.

Na segunda etapa do projeto, que aqui se lê, mudamos o foco da terra para as pessoas. Se em um primeiro momento nosso objetivo principal era cuidar da terra, construindo um espaço harmonioso de convívio e estudo dentro de uma escola da rede estadual de ensino, agora queríamos levar os alunos a perceberem a sua importância e sentirem sua relevância para sua evolução escolar e pessoal



Imagem 02. Primeira intervenção do Jardim Literário.
Fonte: dados da autora

O projeto foi delineado para uma construção de um “Jardim Literário” para os alunos. A ideia foi planejar um espaço de convívio e estudo, em forma circular, onde os conteúdos vistos em sala de aula pudessem ser trabalhados de maneira transversal, com o intuito de se trazer uma nova luz na abordagem pedagógica. Buscou-se no projeto uma intervenção real em um espaço natural da escola, criando um habitat diferenciado, sempre em contato com a terra.

A facilitadora Gaia, (que promove as aulas nessa pesquisa) em análise da fase inicial do projeto Jardim Literário, ressalta que

Essa linguagem foi sempre baseada na afetividade com a natureza e com os outros seres que dividiriam o espaço que estávamos construindo. Nem sempre é possível prevermos todos os futuros impactos e consequências de uma atitude, porém também é um princípio da permacultura o re-significar constante, através do “*praticar a autorregulação e aceitar feedback*” (HOLMGREN, 2013, p. 16). Com o passar do tempo saberemos se as plantas se adaptaram à nossa escolha, pois através do “*observar e interagir*”(HOLMGREN, 2013, p. 16) teremos novos desafios num processo contínuo de tese-antítese-síntese. O processo não é instantâneo como supõe o modelo capitalista. É preciso “*usar soluções pequenas e lentas*” (HOLMGREN, 2013, p. 17) porque esta é a frequência do planeta Terra. (FRANCIO, 2016, p.15)

Com os resultados obtidos e o Jardim Literário pronto, as facilitadoras queriam ir além. Pretendiam mostrar o verdadeiro potencial do espaço na prática pedagógica, em uma mudança de paradigma na educação pato-branquense.

O espaço, que nos referimos aqui - como o ambiente no qual realizamos essa prática - se encontra na parte exterior do colégio, juntamente com as quadras de esportes. O espaço do jardim era um playground para crianças (antigamente o colégio oferecia o ensino infantil), mas que há algum tempo já estava em desuso. A estrutura de cerca circular, em volta do playground, continuava intacta e se encontra inserida em um espaço rodeado de árvores. Logo, as facilitadoras, ao se depararem com esse espaço, pensaram em um lugar de formato circular. Por ser feito no padrão circular (mandala), segue instintivamente os formatos encontrados na natureza e são abordados e entendidos de maneira holística.



Imagem 03. Espaço finalizado, pronto para as intervenções:
Fonte: Banco de imagens da autora.

A abordagem adotada viabiliza a aquisição do entendimento sobre a intervenção humana no meio em que nós vivemos. O espaço Jardim Literário altera algumas concepções enraizadas sobre uma educação tradicional, trazendo a reflexão da possibilidade de novas técnicas pedagógicas, em um espaço alternativo, que façam a diferença na vida dos alunos. Assim, o espaço poderá servir de palco para grandes descobertas.



Imagem 04: Plantação de mudas de hortaliças.
Fonte: Banco de imagens da autora

Destaca-se aqui a importância de se ampliar a visão não somente para um ambiente diferenciado, mas o mais importante, entender que o indivíduo que irá *co-agir* junto aos conhecimentos, é um ser sensível. Seria um desperdício negar toda teorização em torno das mais diversas manifestações artísticas do homem, e de como isso nos torna seres abertos para o novo.

Ao usar este tipo de espaço como instrumento pedagógico, as capacidades cognitivas também ganham impulso no seu desenvolvimento. Poucos são os conteúdos trabalhados em sala de aula que têm aplicabilidade no cotidiano do aluno. Em um ambiente natural, como o Jardim Literário, planejado e agradável, as capacidades humanas se potencializam, acreditando que o professor e aluno conseguem reunir, com maior espontaneidade, os conhecimentos.

Partindo do pensamento “pense global, atue local” ambas as facilitadoras deram continuidade do Projeto. No capítulo III a seguir, descreveremos os aspectos metodológicos da pesquisa, envolvendo contexto, coleta e análise dos dados do presente estudo.

CAPÍTULO III

ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O objetivo deste capítulo é mostrar como foi delineada a pesquisa. Dessa forma, em uma única seção, procuraremos descrever a natureza da pesquisa, o contexto e participantes do estudo, seu objetivo principal e específicos, suas questões de pesquisa, a forma e instrumentos utilizados na coleta de dados e a forma pela qual os dados foram analisados.

3.1 Principais aspectos metodológicos da pesquisa

A pesquisa exploratória a ser aqui delineada é de natureza qualitativo-interpretativista (DENZIN; LINCOLN, apud CUSTODIA, 2006) e se constitui em pesquisa-ação, uma vez que em tenta aplicar práticas pedagógicas inovadoras em um colégio de ensinos Fundamental II e Médio de uma cidade do Sudoeste do Paraná. Em outras palavras, o estudo objetiva descrever a implementação de aulas de leitura e literatura num espaço alternativo, ou seja, um espaço circular ao ar livre denominado Jardim Literário, bem como interpretar as referidas aulas, entrevistas com a bibliotecária do Colégio e alunas participantes da pesquisa.

Dessa forma, o projeto de implementação de aulas no Jardim Literário é entendido como continuidade do projeto de construção do espaço desenvolvido em 2016. No projeto de 2017 a ser aqui relatado e interpretado, as suas mentoras e facilitadoras mudaram o foco (centrado na terra) para as pessoas. Se em um primeiro momento o objetivo principal era cuidar da terra, construindo um espaço harmonioso de convívio e estudo dentro de uma escola da rede estadual de ensino, agora queriam levar os alunos a perceber sua importância e sentir sua relevância para sua evolução escolar e pessoal.

Envolvidas de maneira intensa com a idealização e execução deste projeto, a pergunta das facilitadoras para o projeto vai muito além de uma premissa racional, construída sobre uma visão delimitada a leituras teóricas. Elas queriam sentir se era possível confirmar uma intuição antiga de que a escola poderia cumprir com seu papel social e, ao mesmo tempo, gerar simpatia no coração daqueles que por ela

passassem. Desta maneira, especificamente buscam nesta pesquisa responder de que maneira a linguagem da afetividade pode contribuir nesse processo.

Para dar início a essa pesquisa, que possibilitava a consciência de atuar como sujeitos transformadores da própria história, as facilitadoras pensaram na melhor logística para responder à pergunta de investigação. Com o espaço finalizado, chega a hora de pensar as aulas a serem aplicadas ali. Escolheram o formato de oficina para poder agir com maior liberdade frente à pesquisa. Em comum acordo, decidiram que Gaia iria ministrar quatro aulas de leitura a serem interpretadas sob o foco da linguagem afetiva, ou seja em uma linguagem acolhedora, na qual os participantes tenham voz e vez para emitirem seus princípios e opiniões. Esta decisão foi baseada na legitimação prática que a educadora havia conquistado com a construção do projeto Jardim Literário em 2016.

Os discentes participantes do projeto foram escolhidos com o auxílio da direção do Colégio, que sugeriu a turma do 2º ano do Ensino Médio, integrado com o Ensino Técnico de Magistério, constituída por aproximadamente 30 alunas. Esta escolha foi baseada no fato de que, uma vez por semana, as alunas faziam estágio na escola em período contra turno. As alunas foram divididas em duas Turmas, ou seja, 15 alunas-professoras na Turma A e 15 alunas-professoras na Turma B. Portanto, foram feitas duas intervenções semanais: às terças e as quintas-feiras das 14h às 17h, nos dias 12 à 21 de setembro de 2017. Desta maneira, as facilitadoras conseguiriam maior eficácia no trabalho ao aproveitar este espaço da grade curricular para aplicar a oficina de leitura.

Por estar em um “Jardim Literário”, e esta ser uma investigação que se situa na área de Letras, a leitura e literatura foram nosso objeto de estudo. Dessa forma, uma entrevista com a bibliotecária do colégio foi realizada tanto como objeto de investigação, como objeto de preparação das intervenções pedagógicas às discentes. Entrevistas com algumas das discentes também foram realizadas e nessas quis se saber sobre a experiência obtida nas aulas de leitura e literatura no Jardim Literário.

Conforme já mencionamos, o objetivo principal do estudo é o de descrever a implementação de aulas de leitura e literatura num espaço alternativo, ou seja, um espaço circular ao ar livre denominado Jardim Literário, bem como interpretar as referidas aulas. E sendo assim, tem a intenção de responder as seguintes perguntas de pesquisa:

Com relação a entrevista, Larochebouvry (apud DOLZ; SCHNEUWLY, 2004) afirmam que, em comparação com gêneros próximos, a entrevista é a que mantém uma ligação mais íntima com a divulgação midiática e auxilia o aluno a perceber os diferentes papéis sociais.

A entrevista é um gênero jornalístico de longa tradição que diz respeito a um encontro entre um jornalista (entrevistador) e um especialista ou uma pessoa que tem um interesse particular num dado domínio (entrevistado). Uma entrevista consiste, então, a fazer falar esta pessoa expert a respeito de diversos aspectos de um problema ou de uma questão, com o intuito de comunicar as informações fornecidas a terceiros que representam, teoricamente pelo menos, a demanda de informações. Contrariamente a uma conversa comum, a entrevista apresenta um caráter estruturado e formal cujo objetivo é satisfazer as expectativas do destinatário (Larochebouvry; apud Dolz e Schneuwly, 2004)

Para a interpretação dos dados gerados, nos pautamos nos pressupostos teóricos apresentados no capítulo II deste trabalho, de forma a expressar os resultados da pesquisa e, conseqüentemente responder às questões levantadas. Para tal, após as gravações, selecionamos os momentos mais relevantes das intervenções pedagógicas e excertos significativos das entrevistas com as alunas e com a bibliotecária do colégio. Em seguida, a seleção de dados foi transcrita de acordo com a metodologia do Professor Luiz Antônio Marcuschi, (2014) que se encontra no anexo 4, e por fim os dados foram interpretados segundo as seguintes categorias: as aulas no Jardim Literário e em outros micro-contextos da escola, a aula na biblioteca e pesquisa em livros, a aula de debate sobre poesia e metafísica e a produção de poesias.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O objetivo principal deste capítulo é descrever e interpretar os dados coletados por meio das intervenções pedagógicas e entrevistas realizadas no projeto de leitura no Jardim Literário. O capítulo, constituído de uma única seção, descreve linearmente e discute as aulas de leitura/literatura que ocorreram no Jardim Literário, bem como os conteúdos das entrevistas realizadas com a bibliotecária e com as alunas-professoras participantes da pesquisa.

4.1 As aulas no Jardim Literário e em outros micro-contextos da escola

Com mencionado no capítulo III, quatro aulas² de leitura e literatura portuguesa sobre o poeta Fernando Pessoa nas turmas A e B, ocorreram no Jardim Literário do colégio investigado. Fernando Pessoa (1888-1935) foi um dos poetas de língua portuguesa mais importantes do Modernismo português. "Poeta lírico e nacionalista cultivou uma poesia voltada aos temas tradicionais de Portugal e ao seu lirismo saudosista, que expressa reflexões sobre seu "eu profundo", suas inquietações, sua solidão e seu tédio" (FRAZÃO, 2017).

Iniciamos por pensar as intervenções em conjunto: as propostas apresentadas pela facilitadora eram debatidas e selecionadas sob o olhar de uma pedagogia humanizada, sob o aporte teórico de autores apresentados na Fundamentação Teórica deste texto.

Com o intuito de visualizar um plano geral do projeto de leitura/literatura trabalhado com as participantes da pesquisa, apresentamos a Tabela 01 abaixo que contém informações sobre datas e atividades desenvolvidas em cada turmadurante o referido projeto.

²As quatro aulas se constituem em duas na Turma A e 2 na Turma B do Curso Técnico de Magistério integrado ao Ensino Médio

DATA	TURMA	ATIVIDADES DO PROJETO DE LEITURA/LITERATURA
12/09 de 2017	A	Apresentação do projeto e realização de dinâmicas de grupo; exercícios de reflexão pessoal; visita à biblioteca para pesquisa; estudo dirigido sobre o poeta Fernando Pessoa, sua produção e uma análise conjunta do texto “Tabacaria” de Álvaro de Campos.
14/09 de 2017	B	Apresentação do projeto de leitura e realização de dinâmicas de grupo; exercícios de reflexão pessoal; visita à biblioteca para pesquisa; estudo dirigido sobre o poeta Fernando Pessoa, sua produção e uma análise conjunta do texto “Tabacaria” de Álvaro de Campos. Debate dos pontos estudados.
19/09 de 2017	A	Atividades práticas sobre poesia; aplicação dos conceitos na construção de um poema autoral; exercícios de escrita criativa; relato da experiência vivida.
21/09 de 2017	B	Momentos de partilha de experiências, sentimentos e percepções sobre as atividades realizadas durante o projeto; atividades práticas sobre poesia; aplicação dos conceitos na construção de um poema autoral; exercícios de escrita criativa; relato da experiência vivida.

Tabela 1. Roteiro das aulas iniciais

Conforme observado na Tabela01, planejamos as mesmas atividades para o projeto de leitura/literatura para as Turmas A e B e aqui as descrevemos com mais detalhes. Antes de darmos início às aulas em si, queríamos conhecer a priori as alunas com quem conviveríamos e construiríamos o trabalho de leitura. Para isso elaboramos um formulário de apresentação pessoal (Anexo 02) com perguntas abertas que poderiam nos levar a perceber melhor suas necessidades, habilidades e hábitos de leitura.

A primeira e segunda pergunta, “O que espera do projeto?” e “Quais habilidades você possui e que pretende utilizar durante o projeto?”. Foram feitas para aliciar um debate sobre aquilo que as participantes carregavam dentro das suas expectativas sobre o projeto Jardim Literário. A terceira e quarta pergunta, referiam-se a leitura: “Qual o papel da leitura na sua vida?”, “Quais os livros que mais gostou de ler?” e “Qual a sua opinião sobre a ficha de leitura?”. Entender o papel da leitura na vida de cada uma delas era essencial. Queríamos saber também quais livros foram mais relevantes para sua formação pessoal. As últimas perguntas “Você gosta das aulas de português?” e “Faça uma breve descrição de si”, se justificam pelo princípio ético de reconhecimento da trajetória histórico-social de

cada ser humano envolvido no processo de ensino-aprendizagem, neste caso a trajetória das participantes.

Como acadêmicas do Curso de Licenciatura em Letras em contato com as participantes, também docentes em formação, queríamos saber que percepção elas tinham sobre as aulas de português e sobre algumas de suas metodologias mais difundidas, no caso, a ficha de leitura. A última pergunta de caráter pessoal solicitava uma descrição pessoal, pela qual poderíamos sentir de que maneira as participantes traçavam uma autoimagem de si mesmas.

Essa ficha de identificação pessoal, entregue e recolhida antes do início das oficinas, nos possibilitou um diálogo mais íntimo sobre as características pessoais por meio das respostas dadas por elas. As alunas apresentaram suas expectativas do projeto, sua relação com a leitura na trajetória escolar e alguns livros que já haviam lido na disciplina de português. Além disso, sentimos um aumento no grau do nosso envolvimento com as alunas, pois tínhamos utilizado das tecnologias de acesso à informação para fazer uma pesquisa virtual sobre as fichas técnicas dos livros que mais as tinham marcado, e assim chegamos com algum suporte teórico para a discussão dos seus interesses.

Recolhido esse primeiro material, foi dado início às aulas propriamente ditas. Na primeira intervenção, levamos a Turma A para conhecer o espaço do Jardim Literário. Sentamo-nos em círculo, em bancos previamente dispostos desta maneira. A facilitadora Gaia começou por fazer uma apresentação geral do projeto, ressaltando a linguagem da Permacultura. Apresentou o cronograma elaborado das aulas, e o que pretendia trabalhar com as alunas na intervenção.



Imagem 05: Primeira intervenção com a turma A.
Fonte: banco de imagens da autora.

Na sequência debati sobre a ficha de apresentação pessoal das alunas. Com o formulário pessoal das participantes, tínhamos como foco promover nas intervenções o travamento de diálogos, bem como exercitar a defesa do ponto de vista de cada uma, utilizando de seus conhecimentos prévios e acreditando que no embate de diálogos podemos modificar nossas percepções. Ademais, usando do princípio da Permacultura, o qual tem como um princípio “Usar e valorizar a diversidade”(HOLMGREN, 2013. p. 17). Francio ressaltou papel da diversidade na educação:

Usar a diversidade de opiniões e pontos de vista cria um cenário fértil para a construção identitária dos alunos. A dialética só é possível na diferenciação. Sem divergência não há conflito, e sem conflito, não se educa. (FRANCIO,2016, p.32)

A Permacultura utiliza também eixos que norteiam seu embasamento. Como já destacado antes, dentro da “flor da Permacultura”, encontramos o eixo da Cultura e Educação. Nela, identificamos e interpretamos conceitos que utilizamos no projeto de leitura/literatura, como a diversidade. Outro conceito bastante importante para a Permacultura e norteador do projeto de leitura/literatura é o da interação.

Educação é interação. Para Dewey (apud PINAZZA, 1959) a “educação é um processo de vida, e não uma preparação para a vida futura”. O que se nota é uma

nova proposta sobre o conceito de educação. Se eu compreendo que: no embate de diálogos ou na interação de indivíduos, eu me educo enquanto ser humano, logo, existe uma educação que permeia um entendimento sobre o contexto, sobre a vida, que torna consciente a relevância de uma inserção constante da linguagem afetiva no processo pedagógico. Na opinião de Dewey (apud PINAZZA 1959)

As experiências efetivam-se pelas relações que as pessoas estabelecem com os objetos e seus atributos em um processo de discriminações e identificações por meio da experimentação. A linguagem se torna ferramenta essencial, do próprio meio do relacionar-se do homem, e aflora o seu desenvolvimento cognitivo . (DEWEY apud PINAZZA 1959 p. 72)

No sentido de aflorar o desenvolvimento cognitivo por meio da interação, Gaia discutiu com as alunas da Turma A como cada livro chegou até elas.

Gaia: Eu pesquisei os livros que vocês... [[principalmente isso, a leitura de cada uma de vocês]](+) Bom:: o papel da leitura né:: vou começar falando sobre isso/ Uma das palavras que mais surgiu foi imaginação/'Tipo:: muitas de vocês falaram que ler é bom para aguçar a imaginação' que é tipo um refúgio' (++) uma fonte de conhecimento:: 'ela abre a mente melhora a criatividade o vocabulário::/ descobrir novos mundos e também a ortografia, a "B" FALOU:: achei bem legal porque quem lê bastante sabe escrever as palavras:: né (++) /EU vi que duas pessoas leram Os Miseráveis. Eu::queria saber se foi um projeto da escola::uma leitura que a professora pediu::
Aluna 1: 'Sim
Gaia: É:: eu imaginei ((risos)) porque é uma leitura bastante::.../ Todas vocês leram?
Aluna 1: Sim:: eu gostei bastante
Aluna 2: ((inaudível)) (não) mas eu assim:: não gostei
Gaia: 'Você leu uma versão adaptada ou mais original?
Aluna 2: 'Adaptada
Gaia: Aquelas edições infanto-juvenis::..?
Aluna 2: ((confirma que sim com a cabeça)) Pode ser por isso/
Gaia: Pode ser:: tem que dar uma segunda chance talvez né:: (risos). /(+)+Outra também pode ser porque a professora pediu para ler né::..
Aluna 2: ((Acena que sim com a cabeça))

Podemos observar no excerto acima que Gaia gostou e se interessou pelo fato de duas participantes terem lido o clássico "Os Miseráveis" de Vitor Hugo.Segundo Italo Calvino, a leitura dos clássicos na vida adulta tem um significado diferente da leitura na juventude (CALVINO, 1993). "A juventude comunica ao ato de ler comoa qualquer outra experiência um sabor e uma importância particulares; ao passo que na maturidade apreciam-se (deveriam ser apreciados) muitos detalhes, níveis e significados a mais" (CALVINO p. 10).

Passando para a Turma B, na primeira aula com elas, comentamos sobre como o ambiente escolar está estruturado. Desde o princípio nossa missão foi levá-

las a contribuição dos lugares em que estamos inseridos na construção de nossa identidade:

Gaia: 'A agora na questão do espaço físico::(++) que formato a gente tem aqui?

Aluna 3: Círculo

Gaia: Isso, circular::

Aluna 3: /.../.É um negócio mais DIDÁTICO:: dá pra ver todo mundo 'pode escutar melhor' não ta enfileirado:: (+) quando a gente tem aula seguida com a mesma professora a gente faz na sala mesmo um círculo pra não ficar muito chato (++)

Gaia: Sim:: já entrei algumas vezes na sala de vocês:: e vocês estavam em círculo (+)'E é um formato que está na natureza:: se você olhar uma flor 'ela não é quadrada né?(+) As árvores:: as copas das árvores 'até mesmo o planeta Terra né /.../ já foi pensado que era quadrado ((risos))

Aluna 3: /.../ Essa tatuagem que você tem é uma mandala né?

Gaia: SIM::' e a mandala é um formato padrão da natureza

Destaca-se a importância de os envolvidos na criação do ambiente pedagógico ter sensibilidade de extrair dos espaços todas suas potencialidades. Para Brandão

Quando o ser humano se alia à natureza e busca comunicar-se com ela, de modo a interagir com o mundo em que vive sem o desejo de apropriar-se, de dominar ou de destruir, ele cria as condições de uma relação harmoniosa entre a *sociedade* e a *natureza*, entre a *cultura* e o *ambiente*.(BRANDÃO 2008, p.81)

Um dos pontos essenciais em nossa concepção educacional estava na ocupação de diferentes ambientes pedagógicos e a conexão entre eles. Tínhamos construído um novo espaço dentro da escola, porém queríamos conectá-lo com outros ambientes. Para tanto, após a apresentação geral do Jardim, a segunda etapa da primeira intervenção com ambas as turmas tinha a biblioteca como peça-chave para situá-las enquanto participantes da pesquisa.

4.2 Aula na biblioteca e pesquisa em livros

Utilizamos mais uma vez do recurso audiovisual para reforçar a função científica que cumpríamos: decidimos colocar as participantes frente a uma conversa com a bibliotecária a partir do gênero entrevista. A facilitadora preparou algumas perguntas e depois foi aberto espaço para que fizessem algum comentário, pergunta ou sugestão:

Gaia: 'Vamos dar início à nossa pesquisa, já que é um trabalho científico /.../'e (++) de aquisição do conhecimento:: a gente vai falar com a

bibliotecária aqui e ela também é mestranda da UTFPR 'na área da Literatura e Linguagem (+)

/.../ Bibliotecária: eu queria que você falasse assim pra elas um pouco sobre a importância da biblioteca:: desse espaço num ambiente escolar

Bibliotecária: "A biblioteca:: ACREDITO assim::porque eu sou da área de Letras (+) e eu acho que é um lugar bem importante::'pra professores e para alunos principalmente::'o que a gente observa hoje em dia assim é:: que os alunos eles não têm muito interesse na biblioteca:: ' a PARTICIPAÇÃO dos alunos na biblioteca é muito pequena:: a gente fica muito triste porque a biblioteca é um lugar excelente para buscar o conhecimento (++) 'não só o que vocês têm na sala de aula né::/.../mas aqui tem muito material bom::(++)'A biblioteca está sempre aberta né:: é um espaço que vocês podem vir buscar (+)"inclusive a gente o acervo dos cursos técnicos:: o delas principalmente:: formação de docentes né /.../(+) que o governo não manda livro didático para eles //.eles têm essa desvantagem em relação aos outros alunos da educação básica né:: que é o ensino fundamental e o ensino médio:/(+++) O ENSINO MÉDIO 'tem todo esse acesso à livros:: então a participação delas na biblioteca é mais no sentido de literatura mesmo (+) e:: pesquisa também:: mas muito pouco:: "porque HOJE EM DIA com a tecnologia o pessoal procura mais pela informação na internet:: no computador::

Ao levar as alunas para a biblioteca, dentro da visão geral do projeto, buscou-se explorar mais um ambiente que a escola possui, também desmistificar o receio que de maneira geral, se tem dos alunos em entrar na biblioteca. O saber científico é um dos eixos mais importantes do conhecimento concreto da escola. Queríamos mostrar a importância de um livro e dos saberes que ele possui, trazendo assim a construção em conjunto entre as áreas. Além disso, esse ambiente em específico, nos ajudaria a trazer mais uma dimensão no entendimento que estávamos buscando para as participantes. Dessa forma, a bibliotecária por meio da entrevista, revela o quanto a biblioteca auxilia na construção do conhecimento, ela ressalta que os alunos não procuram esse espaço, principalmente na formação de docentes (curso das participantes do projeto) em que não se tem material didático estipulado anualmente.



Imagem 06: Entrevista com a bibliotecária, Turma A.
Fonte: banco de imagens da autora.

Já que utilizaríamos o livro como instrumento da pesquisa, era pertinente questionar sobre a visão da bibliotecária sobre o assunto, para levantar uma reflexão às alunas:

Gaia: Você sente diferença entre pesquisar no livro e pesquisar na internet?
Bibliotecária: 'É bem diferente: a internet nem sempre é confiável a gente sabe que tem sites que não são confiáveis e o livro físico você tem toda a informação e você também tem a garantia de que você tá fazendo uma pesquisa bem correta né:: "Você não sabe se a pessoa que postou lá tem uma FORMAÇÃO(+)'se ela tem um preparo pra fazer isso:: então é bem /..é bem complicado:: principalmente pra quem vai fazer trabalhos científicos né::'Se você vai fazer pesquisas importantes::'daí o site (+)'nem sempre é confiável::/..melhor é o livro físico/..eu sempre aconselho o livro físico:: "Lógico que a internet ajuda bastante:: a tecnologia é muito bom:: (+) mas você tem que saber pesquisar né:: você tem que saber procurar:: 'você tem que ver se tem informações certas:: né porque às vezes:: é::é::"o livro físico te dá mais CAMINHO"ele dá mais pesquisa (+) mais embasamento científico:: isso é sem dúvida né

A proposta da pesquisa é dar mecanismos para que o aluno alcance autonomia na sua trajetória escolar. Segundo Marcos Bagno: "ensinar a aprender é criar possibilidades para que uma criança chegue sozinha às fontes de conhecimento que estão à sua disposição na sociedade".(BAGNO, 2007).

Uma questão que sempre esteve presente em nossa formação no curso de Letras foi o perfil das bibliotecárias e sua visão de mundo. Aqui Gaia aproveita a oportunidade para debater sobre isso:

Gaia: /E:: (rápido) a gente também vê assim:: É::É:: a ideia da bibliotecária né:: geralmente /antigamente era sempre uma professora aposentada e chegava ali e acabava até barrando o aluno [[ah:: esse livro é difícil:: esse

livro você não vai conseguir entender”]] (++)/..Você:: como você se vê enquanto bibliotecária?

Bibliotecária: É bem gratificante:: porque eu tenho muito aluno assim que gosta muito de leitura::“e a gente até CONSEGUE trazer:: indicar muito livro:: então a gente troca experiência com o aluno::‘Não é eu só que conheço a biblioteca e conheço os livros (+++)’Normalmente eu pergunto pra aluno pra indicar livro pra gente comprar:: quando a gente adquire livro aqui pra biblioteca:: é sempre com a colaboração dos alunos (++)/..a gente não é inflexível a ponto de pensar que só a gente tem conhecimento:: e::e:: saber o que é bom pro aluno:: muitas vezes o aluno traz bastante informação pra gente(++) Isso que é bom:: é uma troca sabe:://E eu tô aqui não pra impor um conhecimento:: ou apenas pra fazer indicações:: eu tô aqui pra trocar experiência::‘eu gosto muito quando o aluno chega pra mim e indica obras

Olhando para antigos paradigmas sobre o perfil do bibliotecário, segundo Souza (2010) “Voltado para o acervo, o bibliotecário tinha como único foco o tratamento técnico, preservação, conservação e organização da informação, sem priorizar questões de disseminação e acesso”. Percebemos que a bibliotecária entrevistada, enfatiza que o interessante é a troca de conhecimento com o aluno, quando existe a "troca de experiências". Com essas informações, queríamos que as alunas percebessem que a biblioteca é uma área acessível e de vasto campo do conhecimento.

Após o momento da entrevista, reunimos os livros disponíveis de autoria do poeta português Fernando Pessoa, que já tinham sido selecionados previamente em uma visita anterior à biblioteca. Gaia havia decidido trabalhar com o texto “Tabacaria”, do heterônimo Álvaro de Campos. Esse texto já havia sido trabalhado por ela em aulas de estágio e possuía um valor poético e ao mesmo tempo afetivo, visto que Gaia teve uma experiência de vida por dois anos em Portugal ao participar de um projeto de internacionalização.

A facilitadora fez algumas perguntas-chave para as alunas-professoras que gostaria que elas focassem no momento da pesquisa e deixou um tempo livre para a busca individual das mesmas. Buscou sempre estar presente durante esse momento, sanando dúvidas, fazendo pesquisas adicionais na internet ou dicionários, fomentando a curiosidade e o interesse deles.



Imagem 07: Pesquisa em livros com a turma B.
Fonte: banco de imagens da autora

As perguntas se reuniam em levantar uma pequena biografia do autor, contexto histórico em que viveu, movimento literário em que esteve inserido e características marcantes em seu estilo. A facilitadora também frisou a importância de entender o conceito de heteronímia e pediu para que as alunas levantassem alguma informação a respeito disso.

Gaia: /..'Algum heterônimo que vocês acharam importante?..quais são os principais?

Aluna1: Teve o Álvaro de Campos::Albero Caeiro::acho que é::(+) eu vi outro aqui 'que é o Charles Roberts...(++) NÃO SEI::cada pouquinho ele tava criando um novo

Gaia: "CHEGARAM 'a ver quantos ele::: (++) criou no total?

Aluna 1: Eu não contei::/

Aluna2: /.. Não foi 5?

Gaia: Não::FORAM muito mais::foi mais que dez::vinte

Aluna1: Eu vi que com sete anos::: (+) ele::ele já inventou um heterônimo::tipo::ele já era muito inteligente desde criança..né

Gaia: Sim::exatamente::essa informação é muito importante/..

Aluna3: /..NOSSA (+) ..'mas se a gente:: aprende a ler:: 'hoje em dia com mais ou menos essa idade (+++)..ele devia ser recém alfabetizado né?

Gaia: Isso::então a gente pode perceber:: que desde muito novo ele já tinha uma inspiração né:

Se o acúmulo de conhecimentos gera uma espécie automática de transmissão dos mesmos, pode-se dizer que a ciência se configura como o exercício de recolher o material a ser trabalhado no laboratório e que a educação é aquela que divulga, compartilha, debate os resultados com os demais.

Após o intervalo abriu-se o momento para debate mais aprofundado das informações recolhidas. Algumas informações foram bem selecionadas, outras esbarraram na capacidade que se deve ter ao fazer uma pesquisa em um livro. Ambas as turmas estavam acostumadas a apenas fazer buscas na internet, porém conseguiram levantar dados básicos sobre o autor e sua obra para darmos início ao debate. As trocas de informações mostraram-se muito reveladoras, pois as duas turmas trouxeram elementos decisivos para o entendimento do assunto.

Antes de finalizar as primeiras intervenções, a facilitadora sugeriu que cada um falasse uma palavra que vinha em sua mente naquele momento e que simbolizasse o sentido que aquela vivência tinha proporcionado a eles. Todos os alunos trouxeram palavras muito carregadas de sentimentos positivos, tais como:

Aluna1: A::pra mim::(+) foi entendimento::
Aluna 2: Carinho
Aluna3: Amizade
Aluna4: Estudar poesia
Aluna5: Leitura
Aluna6: Positividade
Aluna7: Mudança
Aluna8: Amor

Após ouvir as palavras, a sensação ao término das aulas era de muita satisfação para a facilitadora Gaia. Sabíamos que havia muito a se fazer para a conscientização de que é possível fazer aulas diferentes, mas o primeiro passo tinha sido dado com entusiasmo.

4.3 Aulade debate sobre poesia e metafísica

Na semana seguinte demos a continuidade aos trabalhos. As alunas, sugeriram sentarmos próximo do Jardim Literário, à beira de algumas árvores do pátio. A facilitadora apresentou um conceito novo para elas: o *brainstorming*. Essa técnica foi utilizada para reavivar na memória os pontos principais que havia sido trabalhado na intervenção passada.



Imagem 08: Segunda intervenção ao ar livre com a turma B.
Fonte: banco de imagens da autora

A partir disso, a facilitadora distribuiu uma folha com atividades de interpretação do texto previamente elaboradas por ela (Anexo 03). A primeira pergunta buscava saber que domínio tinham sobre as figuras de linguagem e sua capacidade de identificação das mesmas no texto; a segunda fazia menção à estrutura do poema e sua organização em versos e estrofes; a terceira indagava sobre o ambiente em que o eu-lírico estava situado.

Gaia: 'O texto não segue uma métrica::'aquela métrica perfeita (++) não::/ele já é um texto::
Aluna 3: /.../corrido...
Gaia: corrido:: livre:: um verso livre:: (++) isso é característica de qual movimento literário?
Aluna 3: /.../futurismo?
Gaia: Também:: também::
Aluna 6: 'classicismo
Gaia: Classicismo não"pelo contrário:: É um movimento que veio\...\ãh?
Aluna1: 'modernismo
Gaia: modernismo::EXATO::'que veio contradizer esse classicismo:: essa ideia do poema assim né:: 'super estruturado:: super bem:: (+++) é...é:: polido::"Pra eles pros clássicos:: os renascentistas:: o poema era uma coisa que eles iam lapidando (++) 'É:: já os modernos não:: os modernos preferem escrever no:: o que:: o surrealismo fazia::? //..Lembram que a gente tinha comentado? (++) Como eles pintavam::(eu cheguei a falar?) Aquela coisa do sonho::
Aluna 7: 'aquela coisa que tipo era fora do padrão de antes:: isso?
Gaia: uhum::.e tipo:: se ele acordava assim e tinha tido um sonho (+) ele ficava pensando muito ou ele já::/../
Aluna 7: /..já pintava::
Aluna1: já ia direto::((inaudível))
Gaia: ele já:: ia no fluxo de consciência::
Aluna 7: "ele ia liberar aquilo que tava sentindo/.../
Gaia: Exato:: (++) o que saía já era o que tinha que ser::

Aluna1: 'Eu acho que tenho isso quando faço alguns poemas/../
 Gaia: Já segue o estilo moderno::
 Aluna1: é::((risos))

A facilitadora ao voltar a falar do contexto histórico, envolve as alunas para outra percepção, para se adentrar no mundo da poesia e seus sentimentos. Mais do que mostrar esse sentimento da poesia, a facilitadora reconhece os movimentos literários, na maioria de suas intervenções, e traz importância de se conhecer a história.

A metafísica, assunto recorrente na obra de Fernando Pessoa e de seus heterônimos, também foi debatida:

Gaia: 'No texto ali a gente que vê que:: é:: ele tem consciência (++) de que esse estado assim de estar mal disposto:: de se estar perguntando sobre a vida/.../
 Aluna2:" é a metafísica
 Gaia: Exato:: que essa METAFÍSICA é só essa consequência 'to mal:: porque no dia que você não tá mal você não pensa muito:: você só vive.../
 Aluna2:'é:: igual dizem sobre música:: (+) quando você tá triste você entende a letra:: mas quando você tá feliz você só escuta
 Gaia: 'Exatamente::...'então tipo (+) por exemplo:: é:: a gente falou ali da confeitaria né::que ele fala "Come pequena suja::olha que não há mais metafísica no mundo SENÃO CHOCOLATES (++) 'olha que as religiões do mundo não ensinam mais que a confeitaria": ou seja:: tipo ele compara a metafísica com chocolates (+++)'alguém consegue traçar um paralelo sobre isso?
 Aluna1: Profe:: quando ele fala das religiões aqui::(+) "olha que todas as religiões não ensinam mais que a confeitaria": é tipo porque você coloca naquilo lá um desejo::'nas religiões você fala sobre Deus:: mas você só pode senti-lo (+) mas você tem um sentimento:: mas não pode tocar o divino
 Gaia: 'Exatamente /... isso é uma questão da metafísica::não conseguir tocar (+) encostar no que é divino

Sendo a metafísica uma investigação filosófica responsável pelo estudo da existência, é considerada uma visão fundamental sobre o mundo. O comentário da aluna1 faz referência a religião, a algo divino. Para explicar a metafísica de Fernando Pessoa, algumas premissas são levantadas (CARVALHO, 2016) indicando que:

A consciência causa-lhe um cansaço e um sofrimento tais que passa a ter inveja da menina que inocentemente come chocolates. Nesse momento, Campos toca um aspecto que é uma constante na obra pessoana: pensar dói, faz doer, por impedir o homem de ser feliz. E, ao sentir dentro de si o vazio, o poeta procura algo que o inspire. Recorre então a musas do passado, mas a sensação de vazio persiste, já que o seu "coração é um

balde despejado". Na realidade, Campos expressa a angústia do homem moderno, que jamais encontra ponto de apoio para lhe alavancar as inquietações e, por isso, entrega-se ao desespero. Essa consciência da inutilidade leva-o a sentir-se um exilado, um ser marginal à humanidade" (CARVALHO, 2016 p.5).

4.4 Produção de poesias

Depois de responder às perguntas e de debater pontos importantes do poema, Gaia passou para o momento de produção textual. Gaia e as alunas trocaram de ambiente, escolheram um lugar em que havia mesas e cadeiras disponíveis no saguão do colégio. A facilitadora leu alguns de suas criações poéticas e abriu espaço para que as alunas lessem as suas.

Depois do intercâmbio de inspirações, foi sugerido que cada uma criasse um poema, de temática livre.



Imagem 09: Última intervenção, criação de poesias. Turma A.
Fonte: banco de imagens da autora.

Assim que iam terminando seus poemas, Gaia e a pesquisadora conversaram com as alunas sobre a possibilidade de gravarem uma entrevista, falando sobre as impressões que tiveram com as oficinas.

Entre tantos depoimentos positivos selecionamos dois deles, um de cada turma, e que conseguem dar uma dimensão do resultado gerado pelas intervenções:

Turma A

Aluna1: Ah:: 'eu acho que é uma forma de não apenas trazer novas leituras (++) novas é:: incentivos pra gente:: mas também da gente poder compartilhar o que a gente sabe:: né:: "Muitas vezes na sala de aula não é valorizado aquilo que nós temos já

Gaia: 'De que maneira você acha isso:: o ambiente a abordagem?

Aluna1: É:: o ambiente porque ele deixa a gente à vontade né:: a gente não sente que a gente tá ali por obrigação:: 'mas sim uma conversa normal:: as coisas vão saindo daí de forma automática assim

Turma B

Aluna2: "Foi tipo uma experiência muito boa::foi::/capacitou muita gente:: mudou totalmente nosso vocabulário:: nossa forma de pensar::(+)/de agir:: e ver como são as poesias:: 'Tipo: a gente viu palavras novas:: achamos novas formas de nos comunicar:: interagimos mais com nossos colegas:: mais com tipo:: (+) com a turma:: cada um com seu jeito de pensar::cada um respeitando sua opinião:: falando seu conhecimento::falando sobre filosofia e do que pensa/(falando::mudando::aprendendo novas formas:: a::a:: ADIQUIRINDO novas formas de pensar:: (+) 'novas formas de trazer paz a si mesmo:: uma poesia::tipo::/ Fernando Pessoa::que a gente também falou:: que foi um homem inspirador com suas poesias magníficas::/A gente viu a história dele:: (+) a trajetória dele:: tudo isso em volta::'Foi:: tipo:: encantador porque eu adoro poesia::"Eu amo poesia desde pequena:: sempre gostei de escrever (++) sempre gostei de ler /(+) Eu acho que ela ajuda nosso conhecimento:: abre portas pra se ver um novo mundo:: pra entrar um novo imaginário:: (+)'acho que tinha que ser mais praticada nas escolas::mais formas pedagógicas: mais ficha de leitura (++) "E eu gosto do lado de fora: você se sente bem com a natureza:: você fica perto da natureza:: ela te cerca (+++) ela te traz paz:: (+) traz harmonia::/E:: tipo:: um monte de pessoas discutindo pela mesma ideia:: pelo mesmo:: pelo mesmo:: OBJETIVO/ que é:: o conhecimento:: que é você filosofar:: você buscar a poesia:: o que ela traz pra sua vida::' é tipo magnífico::é:: tipo:: honroso.

Os depoimentos finais – registrados em vídeo- de ambas as turmas, foram muito reveladores, notamos que os alunos enfatizaram a diferença dos ambientes entre a sala de aula e o Jardim Literário. Todos somos dotados de inúmeras capacidades, todavia, poucas são as oportunidades que temos para desenvolvê-las ou expressá-las. Percebe-se que os alunos conseguiram ver uma maneira alternativa de ser em relação ao modo de ver o mundo. É na escola que podemos compreender melhor novas visões e concepções da realidade. Portanto, foi satisfatório para nós poder apresentar conceitos como a Permacultura e a sua maneira de tratar o trabalho do homem em seu meio.

Nas perguntas finais, na qual a facilitadora perguntava em relação ao hábito da leitura, os alunos frisaram que existe a importância de se ter o hábito, e que de fato o projeto havia alterado algumas concepções sobre ler. Em relação aos

depoimentos, todos os alunos apresentaram interesse em continuar tendo aulas no espaço e enquanto alunos-professores, no futuro, poder ministrar aulas ali.

O momento da pesquisa, que veio a seguir, trouxe sentimentos diferentes em relação ao comportamento entre as turmas A e B. A Turma A não conseguiu apresentar muito foco, dispersou bastante a atenção e se mostrou mais apática perante o debate. Já a turma B mostrava bastante interesse e foco, levantou informações pertinentes e contribuiu de maneira espontânea no momento de compartilhar novos pontos de vista.

Por ser uma pesquisa social, de cunho qualitativo, seus resultados não são estáticos ou friamente mensuráveis. Estamos falando de pessoas, de um capital humano, e levamos isto em consideração em todo projeto. Por isso, as impressões levantadas de cada turma a seguir são rico material de análise social.

Turma A

Como já mencionado, a turma A teve mais distrações nas intervenções do projeto. Na segunda intervenção, no momento em que analisávamos o poema, a turma A também tinha dificuldade para debater o assunto proposto pela facilitadora. Em conversa com a professora regente, ela nos comunicou que essa diferença também era notada em outros momentos.

De qualquer maneira, sua participação foi bastante interessante na composição dos poemas. Prontamente se espalharam pelo ambiente para melhor comporem suas inspirações. Se mostraram bastante dispostas a contribuir com a gravação das entrevistas e a declamação dos poemas.

Turma B

Abrir espaço para a pesquisa individual tinha como intenção dar abertura ao trabalho das capacidades dos alunos, e servia para estimular a curiosidade e o espírito crítico. Também foi uma maneira da facilitadora se situar no contexto educacional, atuando com mais passividade perante a construção conjunta do conhecimento. O nível de empatia aqui encontrado determinou, de certa forma, o grau de envolvimento dos participantes do projeto.

Os alunos da turma B conseguiram ver além das informações recolhidas na pesquisa. As conexões que estabeleceram com outras situações e textos

promoveram um sentimento mais concreto de aquisição do conhecimento. A diferença também foi sentida na distribuição do tempo em cada atividade: ainda na primeira intervenção conseguimos entrar na análise do poema e aprofundar conceitos como os da metafísica e heteronímia.

Dentro da filosofia Freireana, toda leitura é uma leitura de mundo (FREIRE, 1996). Assim, por mais distante que estivesse do tema proposto, algumas das colocações das alunas eram sempre recebidas de maneira afetiva. A facilitadora apresentou ser capaz de direcionar o debate para a intenção que queria dar, sem que desrespeitasse suas leituras de mundo.

Que os trabalhos educativos, vividos dentro e fora do sistema escolar, sejam expressões de diálogos e de trocas de saberes tão livres, espontâneas e criativas quanto possível. Que em todas as suas variações, uma educação ambiental humanista se fundamente na ideia de que todas as pessoas são fontes originais e insubstituíveis de experiências, de conhecimentos e de valores. (BRANDÃO, 2008.p .165)

Já é tido como um grande consenso que o livro é um instrumento de poder e conhecimento. Porém a priori, antes de entrar de alguma maneira em contato com o indivíduo, ele não tem significado afetivo e consciente. Isso só se dá a partir do momento que existe a intenção manifestada de se conectar a ele. Livros exigidos para debate em sala de aula ou leituras obrigatórias cobradas por professores mostraram-se em alguns momentos, a partir da transcrição das aulas, técnicas que pode deixar de gerar resultados satisfatórios e até mesmo geram situações inversas: como no depoimento da Aluna 2 encontrado na Transcrição I, que disse não ter gostado da leitura do livro *Os Miseráveis*, do escritor francês Victor Hugo.

No mundo tecnicista quer-se impedir a chegada até o laboratório, transmitindo de maneira fria conteúdos de difícil compreensão, na concepção bancária de educação, denunciada por Paulo Freire (FREIRE 1996). Não se preocupa em ensinar ao indivíduo ser um investigador da vida, mas um reproduzidor de discursos que não lhe fazem sentido.

Dessa maneira, a educação pode ser vista como uma forma em que o aluno possa se ver como criador de sua própria vida e da vida social do mundo em que vive.

CAPÍTULO V

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

*A Educação não muda o Mundo.
A Educação muda Pessoas.
As Pessoas mudam o Mundo
(Carlos Brandão, 2008).*

5.1 Síntese da trajetória da pesquisa

A presente pesquisa, teve como objetivo principal descrever a implementação de aulas de leitura/literatura no Jardim Literário de um colégio de Pato Branco, bem como interpretar as referidas aulas. Os capítulos deste trabalho se organizaram da seguinte maneira: o capítulo I, o de Considerações Iniciais, trouxe uma pequena reflexão sobre educação e apresentou em linhas gerais a pesquisa, O capítulo II salienta uma percepção da educação tradicional e de como o aluno é visto de maneira fracionada, dentro do sistema capitalista. Em contraponto, ressalta uma educação humanizada onde encontra base teórica nos conceitos da permacultura. A permacultura discute temas voltados para uma compreensão mais ampla da relação humana com o meio natural e a caracterização do homem como agente transformador da própria história. O capítulo III mostra como a pesquisa foi metodologicamente delineada, descrevendo a natureza da pesquisa, o contexto e participantes do estudo, trazendo suas perguntas de pesquisa e os instrumentos utilizados na coleta e análise de dados. O capítulo IV apresenta a discussão e análise dos dados e neste capítulo V, pretendemos mostrar os resultados da pesquisa por meio das respostas das perguntas de pesquisa e algumas implicações sociais e pedagógicas da pesquisa.

5.2 Respondendo às perguntas da pesquisa:

5.2.1 Qual foi a percepção das participantes da pesquisa de se estudar literatura em um ambiente natural?

A percepção de se estudar em um ambiente diferenciado incutiu uma forma de se aprender de maneira natural, uma vez que as alunas, ao verem vários conteúdos de forma descontraída, puderam assimilar melhor os conhecimentos, saindo do cotidiano da sala de aula. Acrescentaram ainda que as diversas percepções de mundo que elas já possuem foram valorizadas, fazendo com que se sentissem mais à vontade. Ainda, puderam ver as colegas de forma diferente, notando que antes não haviam criado oportunidades de conversarem sobre seus pensamentos entre si.

Com um olhar mais profundo, afirmamos que o projeto alcançou muito mais que suas expectativas, pois além de termos estímulos positivos dos alunos, nós enquanto acadêmicas e professoras, nos sentimos muito bem em poder estar no ambiente Jardim Literário ministrando as aulas. O debate de conhecimentos junto com a conexão da Terra, revelaram sentimentos que transpassavam barreiras do entendimento cotidiano. A assimilação de conhecimentos, valores e crenças aconteceu de uma maneira diferente da qual estamos acostumados.

5.2.2 De que maneira a linguagem da afetividade contribui para gerar simpatia pela escola naqueles que por ela passam?

A afetividade, enfatizada nas intervenções do projeto, apresenta princípios de que a razão e as emoções constituem dois aspectos diferenciados na consciência humana. Tentamos construir essa forma, por meio de diálogos informais com os alunos, ou seja, buscou-se sempre escutar os anseios e os entendimentos de mundo que cada um trazia, para então gerar o interesse dos alunos e compreensão do aprendizado. Isto resultou uma abertura maior dos alunos, gerando o envolvimento nas aulas. Em seus relatos, os alunos se demonstraram muito otimistas em estudar literatura em um ambiente natural. Ressaltaram que conseguiram assimilar muito dos conceitos ensinados com um sentimento de naturalidade.

5.3 Implicações pedagógicas

Neste projeto procuramos trazer uma nova abordagem pedagógica para o sistema educacional vigente, ao buscarmos modificar o ambiente em que o aluno se

encontra, trazendo um novo conceito de ensino/aprendizagem. Dentro das escolas, encontramos muitas vezes áreas verdes, de fácil acesso, entretanto não são usadas como ambientes pedagógicos.

Esse resgate da relação do homem com sua condição de evolução inicial é também um resgate da nossa própria identidade. Acreditamos que essa construção da identidade, através de ambientes naturais, proporciona uma vasta tomada de consciência ao indivíduo. Por isso, o projeto Jardim Literário, implica em uma nova estrutura pedagógica, e também em modificar a maneira de se relacionar com a Terra e as pessoas. Conectar os alunos com ambientes naturais mais harmônicos, pode trazer vantagens no processo de ensino-aprendizagem, já que o bem-estar é imprescindível na assimilação eficaz de novos conhecimentos

A interdisciplinaridade, conceito que a pedagogia alternativa enfatiza, se traduz ao longo dessa pesquisa de várias formas. Ela não se limita ao campo teórico, mas diz respeito ao plano físico também. O deslocamento entre os diferentes ambientes contemplados no projeto demonstra bem a vontade de promover uma verdadeira “ocupação escolar”.

A intervenção promovida na biblioteca, dentro da visão geral do projeto, é o símbolo do início do desenvolvimento do fazer científico em conjunto. O caráter pedagógico dá espaço também ao lúdico e passa a ser dual. Escolhemos esse ambiente, para demarcar as fronteiras da ciência e do debate por fruição, além disso queríamos promover uma situação descontraída para demonstrar nossa intenção afetiva com o projeto.

O projeto pode envolver também todos os docentes da escola. Os professores poderão levar seus alunos para uma aula diferente, propor novas atividades, que muitas vezes é inviável fazer dentro da sala de aula.

O gênero entrevista se apresentou como sendo o mais adequado a ser explorado, pois além de estarmos utilizando do recurso audiovisual para lhe atribuir caráter jornalístico, também queríamos mostrar que o foco do projeto era promover um espaço de debate e pensamento crítico.

5.4 Implicações sociais para a pesquisa

A valorização de espaços diferenciados ganha lugar em escolas que buscam novas tendências pedagógicas. Esses espaços favorecem um convívio harmonioso e dão suporte para os professores aplicarem novas práticas didáticas. Podem revelar aos alunos um olhar mais sensível, a partir de práticas e vivências relacionadas à Terra e da tomada de consciência.

Uma educação humanizada passa por um espaço que possibilite ao aluno o descobrir de si mesmo, o auto educar-se. Dar autonomia significa gerar múltiplas possibilidades de escolha. Na escola tradicional podemos observar um método unidirecional, atos discursivos que seguem uma única direção: professor- aluno. Permeado por exigências, ordens e correções, a linguagem que o professor utiliza fala muito da sua concepção de educação. Não sobra lugar para a afetividade, para aquela palavra de conforto e empatia, que faz o aluno criar uma relação amigável, e mais humana, com o professor. Buscando exemplos em tempos mais antigos, a relação entre o mestre e seu iniciado, o monge e seus seguidores, o iluminado e seus discípulos, indicam que a humanidade se distanciou dessa relação entre seus constituintes e assim, com a educação.

Ao levarmos à ideia desse espaço para a direção da escola, muitas dificuldades burocráticas se apresentaram, entretanto elas não nos deixaram abater, mas representaram desafios que nos motivavam a fazer sempre mais para os alunos. Uma dessas questões foi a falta de recurso da escola, nos limitando as muitas aspirações iniciais do projeto.

Nosso pensamento sempre se estendeu em como nossas atitudes no ambiente escolar pudessem chegar até à comunidade, por isso antes mesmo do projeto, lançamos uma página em redes sociais, denominada "Aldeia Global", para a divulgação de inúmeros projetos com iniciativas inovadoras, para abranger os diversos públicos. Também a iniciativa do projeto de extensão, veiculado a uma ONG, foi uma das formas de se englobar a comunidade mais carente.

Tentar levar projetos inovadores para a educação não é uma tarefa fácil, ainda mais no sistema educacional em que vivemos, em que será preciso quebrar muitos paradigmas enraizados na nossa educação para se ter uma mudança. O projeto não é só uma forma de se incutir uma nova visão para a educação, ele é também um novo espaço para ser explorado na escola.

Aos poucos aprendemos e tomamos consciência de que entre a ciência, filosofia e a religião, o que vale é tudo aquilo que pode ser "colocado em volta do fogo". Vale como um saber humano fecundo, aquele que se abre ao diálogo e busca, justamente no diferente, um grau maior de compreensão de si mesmo. Isso é verdadeiro para a ciência; é verdadeiro e vale para qualquer outro sistema de sentido- inclusive o da religião que praticamos- que nos traz compreensões sobre isto ou aquilo. E é verdadeiro, mais do que tudo, para a educação, pois através dela nós ensinamos e aprendemos. E é através da educação que a cada geração, acatamos crianças e, com elas, formamos pessoas humanas. (BRANDÃO, 2008 p. 115)

Desta forma, podemos concluir a pesquisa, afirmando que os resultados foram muito satisfatórios. Muitas questões levantadas serão estudadas posteriormente, até porque o Jardim Literário ainda não se encontra (e nunca se encontrará) concluído. A idéia é promover constantes manifestações artísticas, ambientais e culturais neste espaço, a fim de gerar cada vez mais uma evolução na consciência da humanidade.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

ALVES, Rubem. *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. Campinas –SP: Papyrus Editora, 11ed., 2008.

BAGNO, Marcos. *Pesquisa na escola o que é como se faz*. Edições Loyola, São Paulo, 2007.

BRANDÃO, Carlos R. *Minha casa, o Mundo*. Aparecida: SP. Ideias e Letras, 2008.

BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Marcia. *Português no Ensino Médio e formação do professor*. Parábola editorial. São Paulo, 2006.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

CARVALHO, Abilio. *Lendo e Relendo "Tabacaria": um poema de Álvaro de Campos*. 2016. Disponível em: <http://ideiaspoligraficas.blogspot.com.br/2016/11/tabacaria-um-poema-de-alvaro-de-campos.html>> Acesso em 15 de Novembro de 2017.

DENZIN, ; LINCOLN. Apud Custódia. *Parâmetros da pesquisa qualitativa interpretativista*. PUC, Rio. 2006. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0812852_2011_cap_4.pdf. Acesso em 11 de Novembro de 2017.

DOLZ , J. , SCHNEUWLY, B. *Gêneros e progressão em expressão oral e escrita*. Campinas(SP): Mercado de Letras; 2004.

FORMOSINHO, Julia Oliveira. *Pedagogia(s) da Infância:reconstruindo uma práxis de participação*. Pedagogias da Infância. Editora Artmed, 2007.

FRANCIO, Milena. *A linguagem da permacultura: contribuição de um espaço pedagógico alternativo na didática escolar*. 2016. 50f. Trabalho de conclusão de curso - UTFPR, Pato Branco, 2016.

FRAZÃO, Dilva. *Biografia de Fernando Pessoa*. 2017. Disponível em: https://www.ebiografia.com/fernando_pessoa/> Acesso em 15 de Novembro de 2017.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, (Coleção Leitura),1996.

HOLMGREN, David. *Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade*. Tradução Luzia Araújo. –Porto Alegre: Via Sapiens, 2013.

JUNG, Carl. (1875-1961). *Excertos do Pensamento Junguiano*. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://www.rdpizzinga.pro.br/livros/jung/jung.htm&gws_rd=cr&dcr=0&ei=veAAWr_HMcPHwASFrZ2wAw>. Acesso em 10 de Setembro de 2017.

LAROCHEBOUVY, André Dolz e Schneuwly. Os gêneros escolares: Das práticas de linguagem aos objetos de ensino. *A entrevista radiofônica: um gênero a conhecer e fazer conhecer aos outros*. 2004. Disponível em: <<http://biasenday.blogspot.com.br/2017/01/os-generos-escolares-das-praticas-de.html>> Acesso em 28 de Outubro de 2017.

MARCUSCHI, L. *Método Marcuschi de transcrição de áudio*. 2014. Disponível em <<http://transcritores.com.br/tag/metodo-marcuschi-de-transcricao-de-audio/>>. Acesso em 07 de Novembro de 2017.

PINAZZA. Inspiração para uma pedagogia da infância In: *Pedagogias da Infância*1959. Editora Artmed, 2007. Disponível em :https://gepepidotnet3.files.wordpress.com/2011/02/steiner__a_arte_da_educac3a7c3a3o-i.pdf Acesso em 20 de Setembro de 2017.

SILVEIRA, Fabiane. *A formação do sujeito histórico: um olhar na perspectiva da teoria crítica*. Artigo de Mestrado, FAE/ UFP. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/037e4.pdf>> acesso em 6 de Dezembro de 2017.

SOUZA, Josy Soares S. M. *O perfil do profissional da informação bibliotecário e o mercado de trabalho: diretrizes para pesquisa*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/1217/1/SOUZA%2C%20Josy.pdf>> Acesso em 12 de Novembro de 2017.

STEINER, Rudolf. *A arte da Educação I*. Primeira e segunda conferência, 1919. Tradução de Rudolf Lanz e Jacira Cardoso. 1932.

TELFORD, Richard. *A flor da Permacultura*. s/ano. Disponível em: <http://www.permacultureprinciples.com/pt/pt_aboutus.php> Acesso em 4 de Novembro de 2017.

ANEXOS

ANEXO 01: TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Neste ato, e paratodos os finsemdireito admitidos, autorizo expressamentea utilização da minha imagem e voz, emcaráter definitivo e gratuito,constanteemfotos e filmagens decorrentes da minha participação noprojeto Jardim Literário.

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação áudio-visual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiaçõesnacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidoscréditos.

O aluno, por mim responsável, fica autorizado a executara edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções queentender necessárias, bemcomo a produzir os respectivosmateriais de comunicação, respeitando sempre os finsaqui estipulados.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Pato Branco, _____ de _____ de 2017.

Assinatura do responsável

Nome do aluno : _____

Nome do responsável : _____

RG.: _____ CPF: _____

Telefone1: () _____ Telefone2: () _____

ANEXO 2: FICHA DE APRESENTAÇÃO

PROJETO JARDIM LITERÁRIO

O que espera do projeto?

Quais habilidades você possui e que pretende utilizar durante o projeto?

Qual o papel da leitura na sua vida?

Quais os livros que mais gostou de ler?

Qual a sua opinião sobre a ficha de leitura?

Você costuma gostar das aulas de português? Por quê?

Faça uma breve descrição de si.

ANEXO 03: ATIVIDADE DE LEITURA/LITERATURA

ANÁLISE DO POEMA "TABACARIA" - ÁLVARO DE CAMPOS

Leia a primeira estrofe do poema:

Não sou **nada**.

Nunca serei **nada**.

Não posso querer ser **nada**.

À *parte disso*, tenho em mim **todos** os sonhos do mundo.

Que figuras de linguagem podemos encontrar nela?

O que melhor define a estrutura do poema?

1. É composto por versos com um mesmo número de sílabas poéticas, obedecendo à um padrão de estrofes
2. É livre em sua composição, tanto nas sílabas poéticas do verso, como no número de versos nas estrofes

Em que ambiente se encontra o eu-lírico? Encontre no texto trechos em que fica implícito esse lugar.

Identifique a resposta incorreta:

- I- O eu-lírico se encontra em uma situação de reflexão sobre sua própria existência, buscando diferenciar o real do imaginário;
- II- A tabacaria representa o estado de estar mal-dispostado eu-lírico, pois é ela que o impede de escrever seu poema;
- III- Quando acende um cigarro, o eu-lírico abandona sua metafísica, deixando de lado os pensamentos e se entregando aos sentidos;

Observe estes versos:

Tenho sonhado mais do que **Napoleão** fez.

Tenho apertado ao peito hipotético mais humanidades do que **Cristo**.

Tenho feito filosofias em segredo que nenhum **Kant** escreveu.

Por quê o eu-lírico se compara com a figura de personagens ilustres?

Na sua opinião, o que difere o gênio do louco? Em qual delas o eu-lírico se encaixa melhor?

Em vários momentos do poema, o eu-lírico procura responder à pergunta "quem sou eu?". Identifique trechos que tornam possível delinear sua personalidade.

Observe as afirmações:

- I- Fernando Pessoa escreveu a partir de heterônimos, desenhando todos os detalhes da vida de seus personagens em biografias próprias;
 - II- A metafísica é um termo recorrente na poesia de Álvaro de Campos, pois é a partir dela que o poeta consegue filosofar sobre a dualidade da vida;
 - III- Na poesia de Álvaro de Campos, encontramos elementos do futurismo, dadaísmo e romantismo.
- a) I e II estão corretas
 b) II e III estão corretas
 c) Todas estão corretas

ANEXO 4: TRANSCRIÇÕES DE DADOS

01. Falas simultâneas: [[]

Os *colchetes duplos* localizados no início do turno entre A. e B. indicam o ponto em que se iniciam as falas simultâneas. A sua finalização é representada na mudança de linha do turno seguinte.

02. Sobreposição de vozes: []

A sobreposição pode não ocorrer no início do turno, mas em qualquer parte. Neste caso utiliza-se o *colchete simples* abrindo.

03. Sobreposições localizadas: []

Na ausência de um novo turno formado, utilizamos *colchete abrindo e outro fechando* sinalizando pontualmente.

04. Pausas: (+) ou (2.5)

Duas formas de indicação entre *parênteses*. Cada sinal de +representa 0.5 segundo. Para pausas maiores que 1.5 segundo, cronometra-se e se indica como segundo e décimos de segundo. Ex.: (1.8), (2.5) etc.

05. Dúvidas e suposições: (- - - - - - - - - -)

Usa-se *parênteses* para marcação tanto do que não se entende, indicando com vazio ou a expressão “incompreensível”. Caso seja possível formular uma hipótese de fala, coloca-se a palavra entre parênteses, o que se supôs ter ouvido.

06. Truncamentos bruscos: /

A ocorrência de truncamento pode ser marcado com uma barra. Pode haver um corte brusco pelo segundo falante.

07. Ênfase ou acento forte: MAIÚSCULA

A ênfase ou acento mais forte tem a ocorrência registrada com letras maiúsculas. A partir disso surge a limitação do uso da letra maiúscula nos inícios de turno.

08. Alongamento de vogal: ::

O alongamento de vogal é marcado por *dois-pontos*. Equivalem a meio segundo, em analogia às sinalizações de pausa.

09. Comentários do analista: ((comentários))

Utilizam-se *parênteses duplos* no local de ocorrência ou imediatamente antes do segmento a que se refere. Pode-se colocá-los também entre um turno e outro.

((risos)), ((baixa tom de voz)), ((tosse)), ((nervosamente)), ((apresenta-se para falar)), ((gesticula pedindo a palavra)).

10. Silabação: - - - - -

Os hífen são utilizados para marcar a ocorrência de pronúncia silábica.

11. Sinais de entoação[2]: ' ' ,

Usam-se:*aspas duplas* – para uma subida rápida (correspondente mais ou menos a um ponto de interrogação);*aspas simples* – para uma subida leve (algo assim como uma vírgula ou ponto-e-vírgula);*aspa simples abaixo da linha* – para descida leve ou brusca.

12. Repetições: reduplicação de letra ou sílaba

Para repetições utilizamos o recurso de duplicar a sílaba repetida.

13. Pausa preenchida, hesitação ou sinais de atenção

A grafia é discutida mas são relativamente claros para Marcuschi: *eh, ah, oh, ih::, mhm, ahã*, entre vários outros.

14. Indicação de transcrição parcial ou de eliminação: ... ou /.../

O uso de *reticências* no início e no final de uma transcrição indica que se está transcrevendo apenas um trecho.*Reticências entre duas barras* indicam um corte na produção de alguém.